

“Confilto e Celebração”: A maternidade em crônicas

Autora: Narlla Bianne de Sales Bessoni¹

Orientadora: Karina Gomes Barbosa²

Universidade Católica de Brasília

RESUMO: O presente trabalho busca aprofundar o conceito da crônica jornalística e levantar o questionamento do livro como veículo para o gênero. Analisa a maternidade na perspectiva do movimento feminista e da Igreja Católica, apresentando o conceito da identidade feminina atrelado à maternidade para estas duas realidades. Em face desta análise, produziu-se um livro de crônicas jornalísticas – tendo como metodologia a observação e a entrevista – para retratar os conflitos e as alegrias do exercício da maternidade.

PALAVRAS-CHAVE: maternidade; crônicas jornalísticas; feminismo; igreja católica; jornalismo literário.

¹ Estudante do 8º Semestre do Curso de Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo, email: narlla.sales@gmail.com.

² Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social, email: karina.barbosa@gmail.com.

1. INTRODUÇÃO

“Vó, por que o nome do meu pai é Antônio?”, perguntei à minha querida avó, Dulcelina Ribeiro de Sousa, pouco tempo antes de sua morte. Respirando com dificuldade e no leito da UTI ela disse que, naquela época, na década de 50, cada nascimento era um milagre, portanto, era preciso apelar aos santos para que a criança “vingasse”. E o meu pai, Antonio Ribeiro de Sales, após uma semana inteirinha de luta pela vida, foi entregue aos cuidados de Santo Antônio de Pádua e, como dizia minha avó, “vingou!”.

Início este texto de introdução citando uma das mães que muito marcou minha história e que fez despertar em mim a curiosidade, o desejo e o questionamento científico sobre o tema.

Antigamente – na época da minha avó –, nove, dez, onze filhos – como foi o caso da vó Dulce – era natural, normal. Hoje, ter um filho pode representar um obstáculo e até mesmo a frustração dos planos de uma vida *feliz e tranquila*. Que mudanças tão substanciais foram essas, capazes de movimentar o comportamento e as escolhas das mulheres de tal forma?

As escolhas, a busca pelo direito de abortar, a questão de gênero, que muitas vezes propõe que a identidade sexual pode ser construída dissociada do dado biológico, a confusão dos papéis nos universos feminino e masculino.

De modo simples e leve, procurei discorrer sobre os assuntos supracitados para alicerçar um projeto de livro de crônicas sobre as expressões da maternidade.

Não posso deixar de falar aqui da maternidade espiritual. Um tema pouco conhecido, mas que dá sentido e ilumina a proposta de castidade – um valor inegociável para a Igreja Católica – e que, mesmo com tantas mudanças sociais, encontra jovens, casais e famílias inteiras que se decidem por compreender o sentido profundo da palavra, que têm variações, de acordo com o estado de vida, mas uma só essência: a integralidade do ser humano em vista do dom sincero de si mesmo.

Ser mãe, profissional, esposa, ser mulher, ser tudo isso ao mesmo tempo sem se dividir. Mesmo com os conflitos que – unidas em uma só frase – essas palavras possam sugerir, há um tom de celebração nestes títulos.

A forma encontrada para traduzir este ambiente, os sentimentos e a percepção, foi a crônica.

[...] o seu intuito não é o dos escritores que pensam em “ficar”, isto é, permanecer na lembrança e na admiração da posteridade; e a sua perspectiva não é a dos que escrevem do alto da montanha, mas do simples rés-do-chão. Por isso mesmo consegue quase sem querer transformar a literatura em algo íntimo com relação à vida de cada um, e quando passa do jornal ao livro, nós verificamos meio espantados que a sua durabilidade pode ser maior do que ela própria pensava. Como no preceito evangélico, o que quer salvar-se acaba por perde-se; e o que teme perder-se acaba por se salvar. No caso da crônica, talvez como prêmio por ser tão despreziosa, insinuante é reveladora. E também porque ensina a conviver intimamente com a palavra, fazendo que ela não se dissolva de todo ou depressa demais do contexto, mas ganhe relevo, permitindo que o leitor a sinta na força dos seus valores próprios. (CANDIDO, 1992, p.15)

Cândido (1992) conceitua a crônica como um gênero que abre muitas possibilidades. A união da literatura e do jornalismo permite a descrição dos fatos de modo mais humano e até sensível. Deste modo, observar o ambiente, as lágrimas, o cheiro da comida, as rugas, o cansaço, a alegria, passa a ser absolutamente relevante na construção do texto. Por outro lado, o próprio leitor têm diversas *janelas* para olhar a história contada.

2. OBJETIVO

Relacionar e abordar perfis diferentes de mulheres que provam das diferentes experiências da maternidade – biológica, adotiva e/ou espiritual –, e produzir crônicas jornalísticas que revelem o conflito e a celebração de ser mãe.

3. JUSTIFICATIVA

Depois de acompanhar de perto várias experiências de maternidade, cada uma com particularidades que me chamaram atenção, surgiu a motivação para mergulhar de modo mais profundo no tema.

Saber que nem toda mulher é feita para gerar – biologicamente³ – a vida, é uma sugestão para acolher diferentes concepções sobre a maternidade.

Em 1970, as mulheres no Brasil geravam de 5 a 8 filhos. Trinta anos mais tarde, a taxa de natalidade passa a ser de 2,1 filhos por mulher (IBGE, 2008). De acordo com a

³Para a Igreja Católica, na Carta de João Paulo II sobre a dignidade e vocação da mulher – *Mulieris Dignitatem* - (1988), a identidade feminina se realiza em duas dimensões: maternidade física e espiritual. Física como fruto de uma relação de amor, dentro do matrimônio. E a dimensão espiritual, na consagração do celibato. Para a Igreja, a consagração de uma mulher no celibato pelo Reino dos Céus gera filhos para Deus, para a eternidade.

filósofa francesa Elizabeth Badinter, este mesmo período acolheu uma “revolução silenciosa” no conceito de maternidade por parte das mulheres. Segundo a autora, o hedonismo tem sido uma das principais motivações na decisão de ter ou não um filho.

Um filho, dois ou mais, se eles enriquecem nossa vida afetiva e correspondem à nossa escolha de vida. Caso contrário, é preferível abster-se. O individualismo e o hedonismo próprios à nossa cultura tornaram-se os principais motivos para a nossa reprodução, mas, às vezes, também para a sua recusa. Para a maioria das mulheres, a conciliação entre os deveres maternos, que não param de aumentar, e o próprio desenvolvimento pessoal continua problemática. (BADINTER, 2011, p.10)

Dentro do contexto religioso, destaca-se o papa João Paulo II que, na década de 80, escreveu uma carta às mulheres - *Mulieris Dignitatem* - de todo mundo para falar-lhes sobre sua vocação e dignidade. A compreensão religiosa de que nem toda mulher nasceu para parir é um conceito que ganhou força neste período da Igreja. É sabido, no entanto, que a tradição judaico-cristã traz em si a cultura de que o não gerar filhos representa um sinal de maldição, assim como a geração dos filhos é tida como uma bênção.

Em contraposição a isto, a carta sobre a Dignidade da Mulher apresenta a figura da mulher celibatária, que, por ter em sua identidade esta particularidade, é tão feminina e plena quanto uma mulher que vive a experiência da maternidade biológica. Define-se, então, como mãe espiritual.

[...]Na virgindade livremente escolhida, a mulher confirma-se como pessoa, isto é, como criatura que o Criador desde o início quis por si mesma, (41) e contemporaneamente realiza o valor pessoal da própria feminilidade, tornando-se “um dom sincero” para Deus que se revelou em Cristo, um dom para Cristo Redentor do homem e Esposo das almas: um dom “esponsal”. Não se pode compreender corretamente a virgindade, a consagração da mulher na virgindade, sem recorrer ao amor sponsal: é, de fato, num amor como esse que a pessoa se torna um dom para o outro. (WOJTYLA, 1988)

É importante destacar que, na Igreja Católica, a maternidade espiritual não é exercida apenas pelas celibatárias. Uma dos pontos que se caracterizam o amor conjugal, de acordo com a *Encíclica Humanae Vitae*, é que ele seja fecundo. Fecundidade no sentido de ser aberto à vida, biologicamente falando, mas também, fecundidade espiritual. Portanto, o casal é impelido a viver a maternidade/paternidade espiritual com os filhos, sobrinhos, afilhados e pessoas que são confiadas aos seus cuidados. “**É, finalmente,**

amor fecundo que não se esgota na comunhão entre os cônjuges, mas que está destinado a continuar-se, suscitando novas vidas.” (MONTINI, 1968) (grifo meu)

3.2 A ESCOLHA PELA CRÔNICA

O registro, por meio das crônicas, teve por objetivo alcançar de modo concreto, unindo a literatura aos fatos, as histórias das mães.

A crônica, devido ao seu hibridismo, tornou-se um gênero literário e informativo. Se este aspecto de fonte de informação liga intrinsecamente a crônica ao cotidiano, à cidade, o estilo literário lhe garante perenidade. Na pena dos grandes escritores, torna-se um gênero em que se mesclam a informação factual e a cotidiana, a visão de mundo e o estilo de cada escritor. (ARNT, 2002, p.14)

Tratar com a delicadeza da poesia e a clareza da redação jornalística um tema que causa tanta polêmica, às vezes, rejeição, e, ao mesmo tempo é tão louvado e reconhecido, foi, sem dúvida, um caminho de descobertas. Sobretudo, porque, sem ter provado ainda da maternidade biológica, há aqui a leitura de quem é filha de várias mães – a mãe de sangue, as avós, a irmã mais velha, a madrinha, a formadora religiosa –, e observadora, de alguém que deseja fugir da guerra de sexos e luta por igualdade de direitos. No entanto, existe, latente, um protesto que busca a dignidade não apenas das mulheres, mas também dos homens, das mães e dos pais, das crianças, dos jovens. De todos.

As “estórias” ou histórias contadas – escritas ou não – sempre possibilitam uma liberdade na reflexão de quem lê. A virtude da palavra escrita é o esgotamento prático que aciona a meditação. Um ponto final no papel não representa um ponto final na imaginação, no ruminar das informações que continuam na cabeça das pessoas.

Não há quem lance sobre a história de alguém um olhar idêntico. E é isso que se buscou alcançar no presente trabalho. Um olhar diferente, sem ignorar o *não-belo*, ao contrário, penetrando na celebração e na angústia, no júbilo de um resultado positivo ou na dúvida se a vontade, a liberdade e a inteligência desejam aquele filho. Não simplesmente relatar estes fatos, mas considerar os protagonistas das vivências, possíveis motivações, projeções e idealizações.

Os jornalistas vêem os acontecimentos como ‘estória’ e as notícias são construídas como “estórias”, como narrativas, que não estão isoladas de ‘estórias’ e narrativas passadas. (...) Poder-se-ia dizer que os jornalistas são modernos contadores de ‘estórias’ da sociedade contemporânea, parte

de uma tradição mais longa que contar ‘estórias’. (TRAQUINA, 2005, p.21)

É comum nos noticiários que se faça a associação da mãe – leia-se aquela que gera biologicamente uma criança – como a que ama incondicionalmente, aquela que é mulher por excelência. No entanto, quando a sociedade se depara com mulheres que, voluntariamente, se decidem por não se casar e, dessa forma, não conceber um filho biológico – como é o caso das mulheres celibatárias -, é lançado um olhar de penalização, como se a maternidade fosse algo puramente físico. Socialmente, a maternidade é algo difícil de ser interpretado quando se passa para a esfera privada. É assim também com aquelas que se casam e não querem ter filhos.

Antônio Cândido, em *A vida ao rés-do-chão* (1992), entende que o intuito de quem escreve uma crônica não é permanecer na lembrança da posteridade, exatamente pela característica factual do veículo no qual, primariamente, era abrigada. Porém, ao permitir-se questionar sobre a crônica no livro, Cândido (1992) sugere que, é, sim, possível que o leitor se surpreenda. E, como bem reflete o título da obra, quem concebe uma crônica, “sai perspectiva não é a dos que escrevem do alto da montanha, mas do simples rés-do-chão” (CANDIDO, 1992, p.15). Ainda sobre o lugar da crônica, o autor entende que, de tão despretensiosa que é, a crônica no jornal – tão íntima à vida cotidiana – pode surpreender às expectativas iniciais quando é produzida diretamente para o livro.

O que pode dar mais sentido ao questionamento sobre o lugar adequado ou apenas o “lugar da crônica” é compreender a liberdade textual sugerida por Cândido (1992). A crônica é um gênero livre, cuja força se baseia em duas colunas: o cotidiano e a palavra.

[...], e quando passa do jornal ao livro, nós verificamos meio espantados que a sua durabilidade pode ser maior do que ela própria pensava. [...] No caso da crônica, talvez como prêmio por ser tão despretensiosa, insinuante é reveladora. E também porque ensina a conviver intimamente com a palavra, fazendo que ela não se dissolva de todo ou depressa demais do contexto, mas ganhe relevo, permitindo que o leitor a sinta na força dos seus valores próprios. (CANDIDO, 1992, p.15)

Massaud Moisés (1982) questiona o livro como lugar da crônica por ser um gênero que pede uma leitura paulatina, como se fosse necessário dar tempo para que o próprio leitor se deixe envolver pelas surpresas do textos e as interpretações que ficam a cargo de quem lê.

Mais do que um poema, a crônica perde quando lida em série; reclama degustação autônoma, uma a uma, como se o imprevisto fizesse parte de

sua natureza, e o imprevisto colhido na efemeridade do jornal, não na aparência do livro. Eis porquê raras crônicas suportam releitura; é preciso que ocorra o encontro feliz entre o motivo da crônica e algo da sensibilidade do escritor à espera do chamado para vir à superfície. (MOISÉS, 1985, p.107)

Há, aqui, o espaço para questionar sobre o movimento do leitor a respeito da ordem e o ritmo que se escolhe para ler um livro. É comum, quando se tem um livro de contos, por exemplo, que se caminhe aleatoriamente sobre eles, elegendo uma leitura que não seja em série. Luiz Carlos Santos Simon, no artigo *O Cotidiano Encadernado: a crônica no livro*, também faz este questionamento e afirma: “querer determinar , antever ou adivinhar a reação dos leitores constitui uma atitude sujeita a outras formas de equívoco” (SIMON, 2004, p.4)

4. METODOLOGIA

As crônicas foram construídas por meio de entrevistas e observação do ambiente. A quantidade dos encontros foi variável e nem sempre foi possível manter o contato pessoal. Algumas delas, feitas via e-mail, chat, telefone. Outras, na casa do entrevistado, no trabalho, na rua, em cafés ou restaurantes.

A escolha dos personagens aconteceu, por vezes, de forma direcionada. Exemplo: no caso do aborto, fui atrás de um site de aborto. No caso da mãe dependente química, precisei ir à uma casa de recuperação. Outros, por meio de indicações de amigos ou quando as personagens faziam parte do meu ambiente. Independente do grau de afinidade e conhecimento prévio da história, todas as personagens autorizaram a gravação (em áudio) das entrevistas e a publicação das crônicas em formato de livro.

Sobre o método utilizado, pode-se dizer que a entrevista foi a técnica primária para o desenvolvimento das crônicas. Segundo Traquina (2005), ela favorece a descrição de cenários e testemunhas. “Os repórteres recorrem cada vez mais à técnica de entrevistar as pessoas na obtenção de fatos.” (TRAQUINA, 2005, p.58).

Na sua despretensão, humaniza; e esta humanização lhe permite, como compensação sorrateira, recuperar com a outra mão uma certa profundidade de significado e um certo acabamento de forma, que de repente podem fazer dela uma inesperada, embora discreta, candidata à perfeição. (CANDIDO *et al.*, 1992, p.14)

5. DESCRIÇÃO DO PRODUTO

O livro possui 64 páginas, mede 15x21cm e foi impresso em papel reciclado. Possui apresentação, as crônicas e as referências bibliográficas do memorial. Ainda não possui ISBN. O processo de criação da capa foi idealizado por mim e feito por um outro profissional. Em alguns momentos, entrei com ajustes.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluir o curso de Comunicação Social tendo produzido um livro de crônicas – um gênero que me é tão caro – foi tão enriquecedor quanto desafiador.

Conhecer mães foi uma experiência marcante, incrível. Na figura de pesquisadora e repórter, fui me desarmando, sendo desmontada pelos argumentos mudos do sofrimento, dos pedidos de ajuda, dos traumas. Ouvir, sobretudo a história de Ana Cláudia, me causou dor. Às vezes, imaginando ser a postura mais razoável diante de um problema tão sério como o aborto, julguei, questionei a consciência alheia. Mas o que eu, como mulher, tenho feito para que a sociedade seja educada no amor e situações como essas deixem de acontecer? Não é culpa, é apenas um senso de responsabilidade com o mundo, com quem não conheço, mas que é semelhante a mim. Este é um dos grandes presentes que levo dessa experiência. A mesma linha de raciocínio me confrontou quando conheci as mães viciadas em drogas.

Por outro lado, houve um fortalecimento de convicções, mas com uma nova postura.

A experiência jornalística encontrou a minha humanidade. E ficou claro: a imparcialidade – tão sonhada – passa, sim, pela identidade do profissional. Foram os meus olhos que viram, os meus ouvidos que ouviram e foi o meu coração que se encontrou com elas.

Houve, também, picos de felicidade. Eliz, Tide, Sheila, Marina, Jussara, Paloma e tantas outras que não entraram aqui me arrancaram sorrisos, lágrimas de emoção, de compaixão. Tudo ali mesmo, na entrevista. Conheci um amor diferente, amores diferentes. Como católica, ficou ainda mais evidente que a fonte de todas essas expressões é uma só: Deus.

Sobre o livro como o lugar da crônica, o próprio gênero é livre o suficiente para encontrar seu lugar na dinâmica de leitura escolhida pelo leitor.

A diagramação foi idealizada por mim e feita, também, por outro profissional, embora eu tenha entrado para fazer ajustes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Carlos Drummond de. **De notícias e não-notícias faz-se uma crônica**. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2012. 333 p.
- ARNT, Hérís. **A influência da literatura no jornalismo: o folhetim e a crônica**. Rio de Janeiro: E-papers, 2002.
- BADINTER, Elisabeth. **O Conflito: A mulher e a mãe**. Rio de Janeiro: Record, 2011
- _____. **Um amor conquistado: O mito do amor materno**. Livro Digital. Disponível em: <[http://www.fiocruz.br/redeblh/media/livrodigital%20\(pdf\)%20\(rev\).pdf](http://www.fiocruz.br/redeblh/media/livrodigital%20(pdf)%20(rev).pdf)>. Acesso em: 5 fev. 2012.
- BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo sexo**. 2. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967. 2 v.
- CAPUTO, Stela Guedes. **Sobre entrevistas: teoria, prática e experiências**. 2. ed. Petrópolis, Rj: Vozes, 2010.
- CANDIDO, Antonio *et al.* (Org.). **A crônica: O gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.
- GUNNARSSON, Lars. **A Política de Cuidado e Educação na Suécia em Creches e Pré-Escolas no Hemisfério Norte**. Organizadoras: ROSEMBERG, Fúlvia; CAMPOS, Maria Malta, 2 ed. São Paulo, 1998.
- IBGE. **População brasileira envelhece em ritmo acelerado**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_impresao.php?id_noticia=1272>. Acesso em: 2 fev. 2012.
- MELO, José Marques de. **Jornalismo Opinativo: gêneros opinativos do jornalismo brasileiro**. 3. ed. Campos do Jordão, SP: Mantiqueira, 2003.
- MONTINI, Giovanni Battista Enrico Antonio Maria. **Humanae Vitae: Sobre a regulação da natalidade**. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/paul_vi/encyclicals/documents/hf_p-vi_enc_25071968_humanae-vitae_po.html>. Acesso em: 20 mar. 2012.
- PENA, Felipe. **O jornalismo Literário como gênero e conceito**. Disponível em: <<http://www.uff.br/contracampo/index.php/revista/article/viewFile/349/152>>. Acesso em: 10 nov. 2013.
- PEREIRA JUNIOR, Luiz Costa. **A apuração da notícia: métodos de investigação na imprensa**. 4. ed. Petrópolis, Rj: Vozes, 2010.

SÁ, Jorge. **A crônica**. São Paulo: Ática, 1985.

SIMON, Luiz Carlos Santos. **O Cotidiano Encadernado**: a crônica no livro. Disponível em: <<http://ww.livroehistoriaeditorial.pro.br/pdf/luizcarlossimon.pdf>>. Acesso em: 24 out. 2013.

SWAIN, Tânia Navarro. Meu corpo é um útero? Reflexões sobre a procriação e a maternidade. In: STEVENS, Cristina. **Maternidade e feminismo: diálogos interdisciplinares**. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2007.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**: A tribo jornalística - uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular, 2005.

_____. **Teorias do Jornalismo**: Porque as notícias são como são. Florianópolis: Insular, 2005.

TUZINO, Yolanda Maria Muniz. **Crônica: uma Intersecção entre o Jornalismo e Literatura**. Disponível em: <<http://bocc.unisinos.br/pag/tuzino-yolanda-uma-intersecao.pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2012.

VATICANO. **Intervenção da Delegação da Santa Sé na 52ª Sessão da ONU sobre os Direitos da Mulher**. Disponível em:

<http://www.vatican.va/roman_curia/secretariat_state/1997/documents/rc_seg-st_19971021_onu-women_po.html>. Acesso em: 11 maio 2012.

WOJTYLA, Karol. **Carta de João Paulo II às Mulheres**. Disponível em:

<http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/letters/documents/hf_jp-ii_let_29061995_women_po.html>. Acesso em: 15 maio 2012

_____. **Mulieris Dignitatem**. Disponível em:

<http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/apost_letters/documents/hf_jp-ii_apl_15081988_mulieris-dignitatem_po.html>. Acesso em: 15 mar. 2012.

_____. **Evangelium Vitae**: Sobre o Valor e a Inviolabilidade da Vida Humana.

Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/paul_vi/encyclicals/documents/hf_p-vi_enc_25071968_humanae-vitae_po.html>. Acesso em: 20 mar. 2012.